



O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Editorial

É CHEGADA A HORA DE ARRANCAR

Creemos que o facto mais importante que aconteceu em Fão, nos últimos dias, foi a realização do espectáculo "Fão a cantar", um repositório dos números das antigas revistas levadas à cena pelo saudoso Ernestino Glória e repetidas várias vezes em épocas posteriores pelo seu parente e também discípulo Zé Maia,

Ora esta última "revista" foi um sucesso de bilheteira - três casas cheias - e atingiu igual sucesso artístico, como noutra local afirmámos. As personagens que nela intervieram nada ficaram a dever aos seus confrades dos anos trinta e das várias *reprises* de épocas posteriores.

Só que se trata de um ajuntamento de representações já anteriormente levadas à cena e portanto descompassadas do tempo que hoje vivemos. Verdade seja que os variados números foram bem conseguidos e os intervenientes, pese embora o reduzido tempo de ensaios, desempenharam bem o seu papel, podendo afirmar-se que os mais novos, chamemos-lhes estreantes, entrosaram perfeitamente com os mais velhos a dizer-nos que nesta terra a arte de Talma pega de estaca. Mas não se apresentaram críticas ao Fão moderno, não se fizeram alusões a figuras actuais, não se parodiou aquilo que a vila tem para ironizar, para enviar remosques, para brinçalhotar, como dizia o dr. Alcêu.

É certo que a onda de entusiasmo manteve a mesma cota de tempos idos. Quase se poderá dizer que o conteúdo das célebres revistas transmutou-se em genes na personalidade dos fangueiros e como qualquer gene que se preza, é transmissível de pais para filhos. Há qualquer coisa naquilo (a música? a letra?) que mexe com a nossa personalidade, que se encaixa na idiossincrasia fangueira.

Sem dúvidas que o entusiasmo criou labaredas, quer da parte dos assistentes, quer da parte dos intérpretes. Todo o mundo ficou a desejar mais. Mais daquilo que já havia e mais daquilo que se pode apresentar de novo. Tem que haver uma simbiose do hoje e do ontem e mesmo outras alternâncias ou variações na arte de representar.

Criou-se um clima propício ao aparecimento de manifestações similares. Há que seguir à maré. É chegada a hora de arrancar.

Revivendo tempos áureos

Mário Belo fala-nos dos estaleiros de Fão

Pretendemos de ora em diante trazer para o papel, que é como quem diz, para o jornal, o testemunho de algumas pessoas residentes em Fão que nos dão conta de aspectos da sua vida ligados à terra, o que nos permitirá dilucidar o viver local em várias vertentes e em vários momentos.

Hoje trazemos o depoimento de Mário Belo que é aquilo a que podemos chamar uma memória local. Ele fala-nos sobretudo da vida dos estaleiros em Fão, balizada principalmente entre 1930 e 1937, de que foi espectador e interveniente.

Esta entrevista sai quase numa espécie de monólogo. Todos conhecem o Mário. Tem conversa para não mais acabar. E ele começou assim:

- Antes de tudo, cumpre-me agradecer à Palmirinha Borda as achegas que me deu para eu poder falar dos estaleiros de Fão, pois embora eu tivesse trabalhado neles, há coisas que me escapam por serem anteriores a mim e de que ela tem conhecimentos pois era filha de um grande construtor de navios, precisamente o mestre José Dias dos Santos Borda.

MESTRES CONSTRUTORES

- Onde se situavam os estaleiros de que tu te recordas?

- Era precisamente no sítio que hoje tem o seu nome: Estaleiros, perto do Fojo ou no seu sítio. É verdade que houve estaleiros no Cortinhal mas eu não sou desse tempo. Mas conheci ainda as carreiras que eram constituídas por duas pranchas de eucalipto, em cima dos quais eu briquei. As carreiras estendiam-se até ao Clube Náutico. Segundo as informações que eu recolhi,

havia três estaleiros a montante (acima) da ponte e outros três a juzante (abaixo). Os de juzante, um era do mestre Zé (Borda), outro do mestre Zé Linhares, que era tio do Mário Ramiro, e o outro pertencia aos Forcianas. A montante tínhamos o estaleiro do mestre Sinaré, que foi um grande construtor, perto do Caldeirão, e já mesmo no Caldeirão funcionava o estaleiro do António Mansinho, das Pedreiras, que eu conheci, e que mais tarde foi para o Brasil, onde se construíam barcas que operavam depois no Douro. Ainda no Caldeirão existia um outro que, se não estou em erro, pertencia a Francisco Dias Ferreira que era parente da família Borda.

FÃO, TERRA DE GRANDES ARTISTAS

- Ao que consta os navios feitos em Fão e em Esposende tinham fama.

- É verdade. Nós somos um povo de marinheiros e de construtores de navios com muita fama. Um navio tem que possuir um equilíbrio muito rigoroso. Uma caverna que era feita para estibordo ou bombordo tinha que possuir o mesmo peso e a mesma medida de bojo porque, se há um desequilíbrio, acontece o que aconteceu, aqui há uns anos atrás, ao Bolama que se afundou precisamente por o navio não estar equilibrado. No esqueleto do navio é que estava a arte toda e era aí que os armadores davam preferência a Fão, pela qualidade, pela perfeição, pelo rigor das construções e ainda pela excelência das matérias primas, de madeira sobretudo. Havia elegância, muito cuidado principalmente com o chamado ângulo do corte de água, o que era muito importante sobretudo com a feitaura da proa. Tornou-se muito honroso para a nossa terra ter estaleiros que eram falados no país todo e no estrangeiro, no Brasil principalmente, até porque a maior parte dos navios que aqui se faziam passavam a fazer a carreira entre o nosso país e as terras de Santa Cruz. Os armadores de Lisboa, de Setúbal, da Nazaré e até de Ílhavo davam preferência aos barcos feitos em Fão ou em Esposende. Quem vinha aqui buscar os navios depois de construídos era normalmente, quer dizer, muitas vezes, o capitão Cachim que, se não me engano, vivia em Ílhavo.

Tínhamos sem dúvida grandes artistas da construção naval. Falando dos carpinteiros navais que encontrei, lembro que eles se tornaram hábeis fora de Fão, sobretudo em Setúbal e na Gafanha de Nazaré. Mais tarde vieram trabalhar com mestre Francisco Forciana. Foram eles o Ciro

Pague a assinatura

Por sugestão de alguns amigos, enviamos uma circular aos assinantes do coneelho, dizendo qual era o débito de cada um. Foram cerca de 200 cartas. Já se passou quase um mês e ao todo responderam 13 pessoas. Umás até agradeceram a lembrança; outras abespinharam-se de todo.

As reacções diversificadas estavam previstas. É dos livros. Só que não estava previsto foi o reduzido número de respostas. Mas nós insistimos: pague a assinatura. O prejuízo que estamos a ter é significativo.

Mário Belo fala-nos dos estaleiros de Fão

(Continuado da pág. 1)

Figueiredo que foi bombeiro da fundação, o Zé Mena cujo nome verdadeiro era José Gonçalves Vasco, irmão do Xico Mena; havia ainda o Joaquim Fernandes Gaifém, pai do Zé do Monte, o Zé Cerguilha e ainda o Manuel da Moça. Também se destacou nesta arte o Joaquim Águadoce que mais tarde foi para França e lá morreu. Outro grande artista que trabalhou para o mestre José Borda foi o Fabião, de Fonteboa, cujo primeiro nome parece que era Daniel. E ainda o Zé da Olaia e o Álvaro Carapuça. Recordo igualmente o Troia, João Troia que era fabricante de motões e cadernais e trabalhava por conta do Inácio Turra.

Ora este Inácio Turra foi outro grande artista, mas já marceneiro; tinha uma grande oficina na Pedra Alta constituída por carpintaria e moagem. Mais tarde associou-se com o sr. Carvalho, seu genro, casado com a D. Antoninha e que montou oficina ali onde esteve o Banco. Lembrou-me a Palmirinha que nesse tempo, 1930, os operários ganhavam dois tostões e o encarregado, cinco. Um navio podia ficar por cinco contos.

DA TÉCNICA DE ZINCAR OU GALVANIZAR

E continuou o Mário:

– Meu pai trabalhou com o sr. Carvalho e com o Inácio Turra. Trabalhou primeiro no estaleiro a fazer pregos e depois com o pai da Miquinhas Turra, Fez a princípio pregos e cavilhas. Na verdade, um navio gasta toneladas de pregos que têm de ser de várias medidas. Quando é para pregar na roda de proa já são pregos maiores. Depois tem as cavernas do centro. Além dos pregos, há o cavilhame constituído por cavilhas de ferro que abrangem a quilha, a contraquilha e a sobrequilha. São três peças seguras por umas cavilhas grandes cravadas por sua vez com umas anilhas chamadas arruelas.

Para o fabrico de pregos e arruelas havia os ferreiros que faziam aquilo com uma velocidade espantosa. Os pregos e cavilhas eram aquecidos numas forjas. Essas ferragens antes de serem aplicadas nos navios entravam nuns gamelões de madeira onde se despejava primeiro água e ácido sulfúrico que era para tirar toda a ferrugem. A seguir metiam-se numa caldeira onde eram derretidas barras de zinco para galvanizar o ferro ou, dito de outro modo, para zincar a ferragem. Antigamente não havia o processo que existe hoje de se galvanizar com pistola. Era preciso estar muito atento pois o zinco, desde que se tornasse sólido, nunca mais ninguém o derretia. Este trabalho ainda eu o fiz em Esposende com o Manuel Faria (Preço X). Era uma autêntica maratona pois tínhamos que trabalhar dois dias e duas noites seguidas sem se poder parar.

FÃO E A CONSTRUÇÃO NAVAL VIVIAM DE MÃOS DADAS

– Não há dúvidas que a construção de navios impunha-se ou determinava a vida económica de Fão.

– É verdade. Até uns apelidos de família. Temos o caso dos Calafates. Os Calafates tinham que meter um cordão de estopa nas fendas, ou seja, na junta das tábuas, o que requeria uma certa habilidade. Não era um qualquer que fazia aquilo. Tinham até ferramenta própria. Depois de metido o cordão de estopa, derretiam sobre ele o breu e por cima faziam passar um archote para aquilo ficar duro. O navio, assim, ficava vedado e os compartimentos tornavam-se estanques. O nome da profissão colou-se depois à pessoa. Mas além dos Calafates, vingou também o nome dos Ferreiros. Lembro-me do Manuel Ferreiro, pai da Rosa que mora nas Pedreiras. E havia também o Tio Pregueiro que fazia pregos. Também o nome de Serrador ficou a impregnar a vida local. E outros que não lembro agora.

FÃO, TERRA DE MARINHEIROS

– Nós não fomos apenas construtores de navios. Também fomos marinheiros.

– Fão foi sem dúvida, terra de marinheiros, nomeadamente, capitães de navios e imediatos. Em geral eram de famílias não ricas, mas fizeram-se à sua custa. Foram novos para o Brasil e empregaram-se em navios, de preferência, pesqueiros. De noite frequentavam uma escola que pertencia à companhia Leide que era uma empresa muito forte. Tornaram-se assim comandantes e imediatos de navios, mercê de uma vontade e de uma determinação fora de série. Ficavam ricos e depois com o desenrolar dos anos vinham para a terra gozar uma merecida reforma. Estou a lembrar-me, por exemplo, do sr. Cândido Morais, marido da D. Letinha e irmão da Mestrinha. Morou onde hoje está o Café Rocks. E havia o sr. Morais que viveu na casa que era da Norberta do David. Estou a lembrar-me também do sr. Carneiro que residia na casa onde está a papelaria Galáxia. Foi comandante da marinha mercante. Tinha uma filha, d. zulmira, casada com o sr. Mata. Recordo também o sr. Manuel Morais cujo filho se casou com a D. Rosa do Mais Bate, irmã da Alice Vieira. E ainda recordo o Manuel Reis que casou com uma sobrinha, a Aidinha Reis. Fizeram-se todos lá fora. E tinham dinheiro. Aconteceu que a maior parte destes homens investiu-o na Companhia Amazonas que era uma espécie de D. Branca, a Banqueira do Povo. Pagava juros de 10%, enquanto os bancos não iam além de 1%. Às tantas faliu e isso trouxe a desgraça para muita gente de Fão. Foi o caso do sr. Brito que só em juros, se lhe pagassem, tinha uma fortuna.

Podemos dizer que até aí Fão era uma terra riquíssima. As pessoas emprestavam, ofereciam-se a emprestar dinheiro a quem queria embarcar para o Brasil.

O BOTA-ABAIXO

– Fala-me da cerimónia do bota-abaxo.

– Esse dia de lançar o navio à água era uma festa. Eu queria aqui frisar que o momento do bota-abaxo era na verdade um momento solene. Eu era ainda pequeno quando foi lançado à água

o Patriotismo. O navio ia à carreira, no lugar onde está o Fojo, e que consistia em dois pranchões muito resistentes onde se montava uma armação com suportes para o navio não adormar antes de entrar na água. Em cima estavam tábuas com sebo. Depois havia um mecanismo feito em madeira com duas alavancas muito pesadas de onde partiam duas cordas muito esticadas que iam ao centro onde estava um cepo. Finda a cerimónia religiosa, quando o mestre Zé que era um homem muito forte, levantava o braço que empunhava uma machada de cabo envernizado, muito afiada e de cabo reluzente, havia como que uma paragem no tempo, dava a impressão que o respirar das pessoas ficava em suspenso, ao mesmo tempo que se ouvia um murmúrio, uma prece: “Que o Bom Jesus te guie! Que a Senhora da Bonança te acompanhe!” Nesse preciso momento fazia-se um silêncio de morte. Depois a machada deslizava como uma guilhotina e cortava as cordas pondo por sua vez em funcionamento as alavancas que faziam sair os lingotes e então o navio começava a deslizar e entrava pela água dentro, ficando a lutar naquela linha de água que tinha sido precisamente calculada, parecendo um cisne orgulhoso, lindo, cheio de bandeiras, ao mesmo tempo que soava uma salva de palmas que partiam dos assistentes e de pessoas convidadas que estavam dentro do barco. A seguir havia um beberete que constava de sêmeas, vinho e figos.

Esclareço que os figos vinham do Algarve. Havia aqui negociantes como o Chita velho, avô do Neo Chita que comercializavam madeiras, figos e sal. Tudo isto vinha pela barra. Existiam aqui umas barçaças que eram conduzidas por mulheres que sabiam muito bem botar à vara, que faziam depois o transporte da barra para cá. Essas mesmo barçaças levavam para a foz a cal que se produzia num forno, o forno de cal, no Caldeirão. Uma das barcas era do Tio Bom Homem, das Pedreiras. Havia uma outra que era do Manica velho, o Tio Quim Bola, que foi pai do Manuel Manica, casado com a Rosária Manica.

PARADO NO TEMPO

– Toda esta vida acabou.

– É verdade. E eu posso dizer que Fão, depois de acabarem os estaleiros, aí por 1937, parou no tempo. Todos sabemos por que acabaram. Foi o assoreamento do rio que trouxe o encerramento dos estaleiros. Podemos dizer que depois disso Fão ficou mais triste. Dantes havia mais alegria na nossa terra. Alegria e vida. Havia alegria até com as mulheres que vinham trazer o jantar aos seus homens que trabalhavam no estaleiro. Era ver aquela que melhor enfeitava o cesto tapado com toalhas brancas. Era nos estaleiros do lado de cá que elas se acomodavam à espera dos maridos ou de outros familiares que podiam ser o próprio pai ou um irmão.

Os estaleiros eram uma sinfonia, uma música. E era rapazinho mas ainda conservo nos meus ouvidos o bater das ferramentas, o ruído desencontrado com várias tonalidades que até parecia uma sinfonia musical. Fão tinha vida.

Batiam as marretas que era quando se batiam os pregos com pancadas certas que, conforme o tempo, ecoavam do lado de Gandra e a gente, por causa do efeito do eco, ouvia o retardar daquelas batidas.

Como Fão era lindo e feliz antigamente.

ESPOSENDE

Por: ARTUR L. COSTA

ESPOSENDE CIDADE: TRÊS ANOS DE VIDA

A Proposta de Lei 302/VI foi aprovada na Assembleia da República na manhã de 27 de Maio de 1993. Esposende ascende à categoria de cidade por Lei 29/93, publicada em dois de Julho, com efeitos em 19 de Agosto.

Três anos já passaram, depois do esforço de alguns deputados na organização do processo de acordo com a lei quadro, acções desenvolvidas pelo Eng.º Oliveira Martins, dr. Miguel Macedo e o dr. Marques Mendes, além da direcção do grupo parlamentar do PSD, deu lugar à Lei 28/93, citada.

As comemorações da elevação a Cidade, em paralelo com o foral atribuído por D. Sebastião, não passaram despercebidas. Acontecimentos de âmbito político-partidário terão contribuído para alguma da monotonia observada, embora o número de presenças tenha aumentado consideravelmente em comparação com o ano passado. Todavia, o facto histórico, em nada se alterou, apesar do esforço desenvolvido pelas "forças de bloqueio".

Será oportuno recordar o discurso do Professor João Mota Campos, ao tempo Ministro de Estado, quando em 17 de Dezembro de 1972 presidiu ao encerramento da festa dos 400 anos de foral. É que, depois de historiar a concessão do foral de Vila e de concelho, das diligências efectuadas, da oposição do Ducado de Barcelos e do apoio de D. Pedro da Cunha (o fidalgo vianês da confiança do Rei), prestou homenagem aos "370 vizinhos mareantes" da póvoa de Esposende existente em 1572 e, "pelo desassombro e confiança no presente, a inteira força que há-de ser posta ao serviço da construção da Cidade do futuro". Cumpru-se a profecia de João Mota Campos, um ilustre Medalha de Ouro do Município de Esposende.

Hoje, os auto-proclamados deuses do olimpo esposendense devem estar loucos, porque "abandonaram os barcos e as redes", para se meterem numa perigosa aventura.

DIA DO MUNICÍPIO

— Entrega de condecorações

Na sessão solene comemorativa do Dia do Município que se realizou, em 19 de Agosto, no Salão Nobre da Câmara Municipal, procedeu-se à entrega das condecorações atribuídas a cidadãos que foram eleitos em três mandatos para a Junta de Freguesia. Assinalou, também, o regresso de Alberto Figueiredo à presidência do Município, funções para que fora eleito em 1993.

A iniciar os actos, o Regente da Banda dos Bombeiros Voluntários de Esposende (Antas) fez a entrega da partitura da marcha "Cidade de Esposende", seguindo-se a condecoração dos 13 autarcas do Concelho de Esposende cuja lista publicamos na anterior edição e, ainda, o médico António Fernandes Torres, jubilado de Delegado de Saúde.

Após a cerimónia das condecorações, usou da palavra o presidente da Câmara Municipal de Ozoir-La-Ferrière (França) para manifestar a satisfação de próxima geminação com Esposende ambas integradas na união Europeia. Juntos, como aconteceu no passado com os respectivos países, vão consolidar e defender a Europa.

Alberto Figueiredo, no uso da palavra agradeceu a presença do Governador Civil do Distrito de Braga, do Maire de Ozoir-La-Ferrière (França), das entidades civis, militares e religiosas convidadas, vereadores e autarcas, organismos e associações locais. Assim, referiu-se ao acto

elogiando a acção dos medalhados e "pretende-se premiar, no caso, concreto, os presidentes de Junta, aqueles que no fundo são a base do alicerce que é da democracia, o Poder Local. Os Presidentes de Junta são os que mais directamente lidam com a população, são eles que mais sentem os desejos da sua população". Disse ainda: "São das suas atribuições avaliar o trabalho dos autarcas, que são julgados no acto eleitoral".

A geminação de Esposende com Ozoir-La-Ferrière (França) foi outro tema abordado pelo presidente da Câmara Municipal de Esposende. De facto, disse: "Mais que uma Europa de economias, queremos uma Europa de cidadãos. É nesta ligação que podemos fazer entre nós, povos da Europa, o eliminar de barreiras que ainda existem".

Sobre o desenvolvimento de Esposende, diria Alberto Figueiredo: "A Câmara Municipal sabe o que quer para e para onde vai. Há opções". E sobre o tema, referiu as prioridades, e das suas preocupações quanto à defesa do meio ambiente e a qualidade de vida, para anunciar que em 1998, todo o concelho terá a cobertura de abastecimento de água, tratamento de esgotos; habitação social, com lotes para auto-construção e de apoio à construção para arrendamento; solidariedade e apoio a cidadãos carenciados e de inserção social; educação e cultura, desporto, entre outras prioridades.

No discurso de cerca de 20 minutos, Alberto Figueiredo referiu-se aos saudosistas e conservadores, aos insatisfeitos, aos obsecados pelo Poder, "desenquadrados das realidades do Concelho". Reconheceu que "nem tudo está feito, há muito para se fazer", aludindo às dificuldades financeiras, à modéstia das receitas municipais.

A terminar, colocou os interesses da população acima de quaisquer outros, e afirmou: "Fui eleito por vocês para defender os problemas das populações, mas com o apoio de todos, será mais fácil".

Encerrou a sessão o Governador Civil de Braga que prometeu o seu apoio na resolução dos problemas do concelho de Esposende.

O programa das comemorações do Dia do Município iniciou-se com o hastear das Bandeiras, recepção às entidades e delegação de Ozoir-La-Ferrière, Missa na Matriz, enquanto à noite, o folclore com grupos do Concelho (Marinhas, rio Tinto, Palmeira de Faro, Forjães e Vila Chã) exibiram-se a contento de inúmeros espectadores, mais o fogo de artifício com jogos de água e um conjunto de música moderna.

Participou nas cerimónias o Grupo Coral de Esposende.

VELEIRO ENCALHA NA BARRA

A meio da tarde de 20 de Agosto findo, encalhou na barra do Cávado, o veleiro das Ilhas Farde, Dinamarca, de dois mastros, 20 toneladas, com oito tripulantes, todos jovens, em viagem pela costa da Europa.

Pedidos socorros, comparaceram no local, por mar, o barco salva-vidas de Esposende e por terra, os Bombeiros Voluntários de Esposende, com viaturas de tracção e material de socorros a náufragos.

Analísada a situação, a partir do veleiro adornado pelo encalhe no banco de areia à entrada da barra, e a ser batido pela vaga, com água em fase de praia-mar, foi passado um cabo que enorme conjunto de banhistas a puxar tentam retirar o veleiro desta situação crítica. Mas, os Bombeiros, lançaram outro cabo que

puxou o veleiro para fora do banco de areia. O salva-vidas, guiou o veleiro para o canal de entrada e subiu o rio, pelos próprios meios. Atracou junto do estaleiro para vistoria à situação.

Segundo opinião do oficial Delegado Marítimo de Esposende, "a barra do Cávado altera com frequência, move-se conforme os tempos. Está assoreada e difícil de ser conhecida. O motor do veleiro é de baixa potência e não consegue aguentar a manobra rápida, em casos destes".

O veleiro, por cautela, esteve a ser inspecionado no estaleiro naval a fim de seguir viagem. Aliás, os oito jovens tripulantes, anualmente, percorrem a costa da Europa pelo gosto de navegar e aportam a localidades segundo o plano de viagem.

A BIBLIOTECA FOI À PRAIA

Desde 22 de Julho até finais de Agosto, a Biblioteca Municipal foi à praia, numa iniciativa inédita.

Os resultados obtidos foram surpreendentes. Os números recolhidos são um bom indicador que acusa a frequência média de 70 leitores/dia, com relevo para as crianças entre os seis e os 12 anos. Os adultos compareceram em número apreciável, além de idosos.

Quanto ao tipo de leitura, houve de tudo: jornais, revistas, livros para crianças, banda desenhada, obras diversas, com leitura ao ar livre, na esplanada voltada ao mar.

Os leitores, na sua maioria, eram oriundos do interior, com mais incidência do Distrito de Braga, além de outras localidades de fora deste Concelho.

A Dr.ª Maria Luísa, Bibliotecária, recebeu bastantes elogios pela iniciativa e pelos resultados obtidos nesta temporada e da sua eficácia em tempos de férias.

A Biblioteca Municipal foi à praia, o local por excelência, onde os poetas amigos de Esposende buscam inspiração para os seus poemas: Maria Luísa Matos, Eduardo António, César Augusto Cerqueira.

MÁRIO GONÇALVES VIANA EM EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Decorre na Biblioteca Municipal a exposição bibliográfica dedicada a Mário Gonçalves Viana, "notável intelectual" descendente de Esposende.

"A vida humana é um longo processo de colecionamento, e o próprio homem é, por isso, em sentido figurado, um museu itinerante", afirmou Mário Gonçalves Viana numa das obras dedicadas à Arte de Organizar Coleções, Exposições e Museus.

Autor de mais de uma centena de obras, com amplitude e valor pedagógico, sobretudo nas áreas das Ciências Sociais, Crítica Literária, Educação Física, Pedagogia, Biblioteconomia, Museologia, entre outras.

Apercebemo-nos através da sua vasta obra do espírito conservador e doutrinário que nos reporta a tempos recuados, "avesso à modernidade", o seu temperamento leva-o "a críticas ferozes ao cinema" e, compreende-se. Já nessa época não era a melhor escola. Contudo, Mário Gonçalves Viana, refugiava-se na "Casa das andorinhas", de Esposende, onde viria a preparar muitas das suas obras literárias e científicas.

Jornalista, colaborador no "Almanaque de Esposende", na publicação única de Agosto de 1929 (Praia de Suave Mar), também na imprensa local, sócio honorário do Esposende Sport Clube, Mário Gonçalves Viana, faleceu em Esposende a 16 de Dezembro de 1977.

O BOM JESUS DE FÃO

Por CARLOS MARIZ

O REITOR PADRE SIMÃO GOMES VARELA (CONFLITOS)

D. João V concedeu mercê Brigantina a 24-5-1713 ao Padre Francisco Ferreira Gerez para apresentação como Reitor de S. Paio de Fão, por estar vaga a vigaria de Fão, por promoção do Padre Bento Gonçalves⁽¹⁾. Já nos referimos a estes dois párocos de Fão em crónicas anteriores).

A 2 de Maio de 1727 preside à eleição da Mesa o Padre Martinho Moreira do Couto, como reitor Encomendado. Em todos os acórdãos seguintes, até 1734, está registada a sua presença na qualidade de reitor Encomendado.

“Em o dia que se festejou o senhor que foi a 23 de Maio por cair em dia ocupado que foi dia do Corpo Santo, se abriu o caixão em tal dia do mês acima no ano de mil setecentos e trinta e quatro, com a presença do Reverendo Encomendado Martinho Moreira do Couto...”⁽²⁾

Teve bom relacionamento com a Irmandade. A mesa ao fixar em 4-5-1733 a esmola das missas em setenta reis registou no acórdão que ficariam reservadas para o Padre Martinho M. do Couto as que ele escolhesse para si, “que são duas às sextas-feiras, que ficaram a ser de tostão” pela “atenção que devemos ao rev.do Pároco com que tem tratado esta irmandade”⁽³⁾.

A 2-8-1734 está presente como Pároco, dando o seu acordo à eleição do Padre Hyacinto⁽⁴⁾ Leite, residente em Fão, para Capelão do Bom Jesus.

Por mercê Brigantina de D. João V, de 20-6-1734, é concedida a apresentação na Vigaria de Fão ao Padre Simão Gomes Varela⁽¹⁾.

A primeira referência a este novo Pároco está registada a 31-10-1734 no Livro das Contas Gerais da Irmandade, quando assiste à abertura do caixão das esmolas. Presidiu à eleição da Mesa a 2-5-1735 mas fez-se substituir pelo seu Cura, Padre Domingos Salgado, na festa de 3-5-1735, onde se indica este último como Reitor Encomendado. Não assistiu à posse da nova Mesa, que foi dada pelo Padre Cura, mas esteve presente em 3-7-1735, quando o Visitador aprovou as contas.

Conflito sobre as missas dos nocturnos – 1735

Esta missa era celebrada às sextas-feiras ao nascer do sol e, normalmente, a Mesa atribua-a ao reitor, por ser de melhor esmola. O Padre Varela caiu em desgraça da Mesa e esta deu-a ao capelão. O reitor proibiu-o de celebrar estas missas. O caso foi julgado na Relação Eclesiástica de Braga contra o Pároco⁽⁵⁾.

Conflito sobre a administração das oblações

A fim de se apoderar da administração das esmolas e oblações da Capela do Senhor Bom Jesus o Reitor intimou a Mesa a entregar-lhe todos os livros, isto pouco tempo depois de tomar posse como Pároco.

A Mesa era constituída pelo Juiz Padre Dâmaso Pereira da Silva, Escrivão Padre Doutor Paschoal Fernandes Monteiro, Tesoureiro Francisco da Silva e Procurador Padre Jacinto Leite.

A 30-1-1735, sob a presidência do Escrivão da Mesa, em virtude do Juiz se encontrar doente

reuniu-se em Congresso⁽⁶⁾ “A Irmandade e os Mestres das Lanchas por si e alguns deles pelos seus companheiros pescadores, e moradores deste Lugar de Fão, para resolverem o que fosse necessário a bem dela e veneração da Imagem do senhor e conservação da Capela...”.

O Pároco estava ausente e procurado o Padre Cura, não o acharam. “Presentes muitos irmãos que tinham servido de Juizes e Escrivães os anos passados na Irmandade, foi proposto, que o Rev.^{do} Pároco Simão Gomes Varela tinha intentado tirar à Irmandade toda a administração desta Capela, e todos os papeis, livros, oblações, esmolas e tudo o que à dita Capela e irmandade pertence, para o que fizera notificar os oficiais que serviam de presente; e por despacho do Muito reverendo Snr. Dr. Provisor, e por outro do Rev.^{do} Snr. Dr. Juiz dos Resíduos para irem a Braga dar contas na presença do Rev.^{do} Pároco de tudo o que se tinha cobrado, a que os oficiais da mesa acudiram por virtude de um despacho, que alcançaram do Rev.^{do} Senhor Cabido, e outro do mesmo Rev.^{do} Snr. Dr. Juiz dos Resíduos, e que assim votasse a mesa e Irmandade, os ditos mestres se queriam que se entregasse tudo ao dito Rev.^{do} Pároco. Assim como pedia, ou se queriam que se defendesse a Irmandade à custa de todos os irmãos e povo sem gastar cousa alguma das esmolas que vinham para a Capela nem do dinheiro pertencente à administração da Irmandade com as demandas que fossem necessárias...”

Por unanimidade resolveram recorrer à Justiça à custa dos bens próprios dos presentes “...por que tinha esta Irmandade e todo o povo feito a Capela com a indústria de pedirem esmolas em várias partes, que constam dos livros da receita e despesa e com grande trabalho de seus corpos, que nela trabalharam, e outros que na condução dos materiais, para a obra, morreram, o que tudo fizeram com muito zelo e devoção como da mesma obra se vê...”

A acta foi assinada por setenta e um irmãos, entre eles nove sacerdotes, a saber: Padre Jacinto Leite, Padre Manuel Alves dos Reis, Padre João de Moraes, Padre António da Silva, Padre Manuel António Pinto, Padre Manuel Alves dos Reis Pereira, Padre José das Neves Costa, Padre Francisco Rodrigues Pacheco e Padre Manuel Leite Mariz.

Iniciou-se assim um processo que manteve uma luta aberta entre o Pároco e a Irmandade durante anos. Resolvido o conflito a favor da Irmandade pelo Arcebispo de Cefalónia, coadjutor do Rev.do Arcebispo Primaz, o Reitor fez diversas contestações, recusou-se a comparecer à aprovação das contas nos anos seguintes e, sendo estas aprovadas pelos Visitadores, obrigava a Mesa a prestar contas perante o Juiz de Resíduos. A “guerra” só terminou com o falecimento do Reitor em 1747.

Em requerimento, que deve ser de 1736, dizem “o Juiz e mais oficiais que serviram o ano passado...” que “querendo dar contas das esmolas, na forma das disposições do Ilustríssimo Arcebispo Defunto e Capítulos de VI, sita...” o

Reverendo Pároco “não quis nem quer nunca assistir à entrega delas, com fundamento que, aprovando-as perderá o direito que tem em ser senhor como pretende da Capela...”

O Visitador mandou notificá-lo “para ver e rever tais contas, com a comunicação de que não o fazendo, nem assistindo a elas, se haveram por aprovadas a sua revelia...”. Não apareceu e o Visitador aprovou-as. Mas, a requerimento do Pároco, os Mesários foram intimados a apresentar todos os livros ao dr. Juiz dos Resíduos, no prazo de quinze dias.

Requereram então que Ministros da Relação viessem a Fão para tomar as contas e fazerem cessar os requerimentos do Reitor. Alegaram serem muitos os ficiais e muitos pescadores, que não podiam estar ausentes de suas casas e no lugar se poderiam decidir todas as dúvidas do Pároco.

Despacho de 25 de Outubro de 1736 mandou “Defina-se em Relação”.

Noutro requerimento a Mesa referiu queria dar contas aos novos oficiais, convidaram o Pároco para presidir a elas em mesa na Capela do Bom Jesus e não compareceu “pelo que apresentaram as ditas contas”, “apresento-as a V.M. o Livro delas para as aprovar conforme o mesmo Estatuto, o duvidou V.M. fazer por não ter tempo de as examinar e por escusar gastos à Irmandade recorreu a V.M. para que as aprove” Pedem para que as aprove ou mande o Pároco ir à capela “dentro de 4 horas” e as reveja e aponte os erros “para se presentear a V.M. em tempo de 24 horas, em cominação de se haverem as ditas contas por boas”.

O Visitador, por despacho de 8-10-1736 intimou o Pároco a assistir às contas no prazo de dois dias. Foi notificado pelo Padre Domingos Salgado, de Fão.

(CONTINUA)

NOTAS – (1) Segundo Manuel Inácio Pestana em “Barcelos-Revista 1995 - 2.ª série, n.º 6-1995”. (2) Livro de Contas Gerais da Irmandade. (3) Livro de Acórdãos 1723-1771. (4) Jacinto. (5) Documento assinado pelo Juiz José Joaquim Cardoso, que refere as várias acções movidas contra a Irmandade. (6) Assembleia Geral.

GRALHAS – No n.º 146, de 10-7-1796, Terramoto de 1755. O rei era “D. José I” e não “D. Jorge I”, como foi impresso.



PÁGINA JOVEM

Olá jovens! Cá estão outra vez as aulas a bater à porta! Mas tem de ser. É o vosso futuro que é preciso preparar. Boa sorte para todos, no início de mais este ano lectivo!

DIVAGANDO

Por MARTA MARIZ MENDES

A luz entra pela janela, branca e difusa. Aa sua palidez escorre pelas madeiras escuras e velhas, apodrecidas pelo desgaste lento do tempo.

Moscas esvoaçam na atmosfera fria e húmida e, apesar de rodeada de gente, este parece-me ser um lugar solitário, onde só estou eu, a contemplar mais um momento nem sei bem do quê.

Vou pensando em tudo e em nada, abrindo os olhos para deixar que a luz neles mergulhe, sorvendo golos de tempo carregado de pó, de um tempo sagrado,

PAUSA PARA SORRIR

Um governante de um país longínquo tomou conta do poder quando havia uma grande crise económica. Em algumas reformas, tomou algumas medidas e, quando lhe pareceu que as coisas estavam melhores, fez um discurso pela rádio (não havia televisão). E disse:

– Meus concidadãos: quando eu tomei conta do governo, o nosso país estava a um passo do abismo.

Depois de enumerar os benefícios feitos durante a sua governação, terminou:

– Hoje, podemos dizer que o nosso país deu um passo em frente!...

Os chefes de 4 países longínquos visitam Paris pela 1.^a vez e maravilham-se com a Torre Eiffel.

Diz um:

– Se eu tivesse esta torre na minha terra, punha lá no alto o meu capacete, símbolo do meu poder.

Diz outro:

– Eu, punha-lhe lá a bandeira da minha Pátria.

Diz o terceiro:

– Eu, punha lá a mulher mais linda do meu país.

cheio de coisas mas que não se sente.

Remoínhos de pensamento envolvem-me nas malhas de algo irreal e que se sobrepõe a tudo, mas que parece tão ausente...

Sinto tudo distante, longe de mim. Não consigo encontrar a minha dimensão. Mas será que a dimensão humana realmente existe? Às vezes parece que não há lugar para o Homem. Afinal, este planeta é o Império do Sol, do Calor, das Sensações, e nada pensante deveria aqui reinar.

Não adianta procurar ajuda na luz do Sol para uma existência inútil. Esta espécie pode apenas procurar refúgio no nevoeiro onde, isolada de tudo, talvez sinta um pouco mais o que é a vida.

O último, como se mantivesse calado, perguntaram-lhe os outros o que faria.

Responde ele:

– Eu, lavava as mãos no capacete, limpava-as à bandeira e casava com a mulher bonita...



Desenho de JOANA SÍLVIA (7 anos)

VIAGEM

*De uma casquinha de noz
de cinzento pintada
sai a voz
bem afinada
da formiga
que canta
canta
esta cantiga.*

– *Quando o Senhor Vento
assoprar,
o meu barquinho cinzento
vai navegar.*

*Barquinho cinzento
cinzento ele é
mas, coisa engraçada,
tem a chaminé
de vermelho pintada.*

*Tem a chaminé
de vermelho pintada
o barco cinzento
que vai navegar
quando o Senhor Vento
assoprar.*

*Meu barquinho duas cores
carregadinho
de penas.*

*Depois
a formiga calou-se
e o barquinho partiu
como a cantiga doce
o barquinho seguiu,
seguiu,
nas ondas do mar.*

*Se você o viu
faça o favor de telefonar.
SIDÓNIO MURALHA, in "Voa, Pássaro, Voa"*

PASSIVIDADE

*Quando a humanidade
Deu os seus primeiros passos
Guiava-se pela crença,
Hoje guia-se por si,
A crença é um hábito,
Já não é uma necessidade.*

*Por isso hoje já ninguém
Acredita em nada,
Ou acredita porque
Foi ensinado a acreditar
A mim parece-me
Que não se ensina*

*Ninguém a acreditar,
Cada um deve fazer
Os seus juízos
E decidir se acha algo verdadeiro ou não,
Mas ninguém acredita em nada,
Porque ninguém*

*É detentor da verdade,
Ninguém a conhece,
Assim, como pode
Alguém acreditar em algo?
É impossível,
Por isso não se crê – aceita-se.*

MARTA MARIZ MENDES (17 anos)

Fão a Cantar

Em boa hora a Cooperativa Cultural de Fão tomou a iniciativa de levar à cena certos das antigas revistas que noutros tempos deram fama e glória à terra. Isto quer dizer que Fão encontrou-se consigo próprio e a Cooperativa teve uma manifestação de vitalidade. Foram três os espectáculos realizados e em todos se

plena com a personalidade que encarna. Não ri em serviço.

Já agora que estamos com a mão na massa, vamos referenciar todos os intérpretes masculinos. Temos o José Abel que contracenou com a Jacinta em *Tone e Maria* e participou em várias rábulas. Para já é um barítono de se lhe

costas. Depois é o Presidente da Assembleia Geral do Águias de Serpa Pinto e isso pesa ou intervém no seu estar na vida. A falar *cá fora* ou no palco é sempre um tanto magestoso.

E agora voltemos às raparigas. Vejamos a Dulce Maia. É um facto que não possui a sonoridade de outros tempos, mas mantém o jeito bombaleante de lançar a voz que espadana pelos espaços e a torna singular e inimitável naquele universo de cantares.

Vem a seguir a Vânia! Embora se tenha exibido em várias casas a cantar fados, é caloiira neste tipo de revistas. A sua voz bem timbrada sai em *nuances*, a querer impor-se já. Tem tempo de se tornar vedeta. Um recado para a sua saia: era curta de mais. Não há dúvida que quem possui boas pernas gosta de as exhibir, mas esse desejo pode obnubilizar a personagem que representa. Artisticamente tem muito para dar.

A Carina actuou na *Família Fangueira*. Olhos vivos, gestos adequados, descontração, temos aqui uma promessa em trânsito para um lugar ao sol no mundo artístico. É filha de pai (José Abel) e quem sai aos seus não degenera. "Cantai, raparigas, bailai..." É a Mara Costa em funções. Voz entusiasta, sílabas bem pronunciadas, só que ainda não possui aquele tom melodioso que é apanágio dos veteranos. No fundo é uma questão de personalidade, mas a integração virá com o tempo.



Ninhos são exemplo de ternura

verificou "casa cheia". Há, como salientamos anteriormente, uma identidade entre a maneira de ser fangueira e o conteúdo daquelas revistas.

Desta vez surgiram alguns receios sobre como decorreriam as sessões, uma vez que se realizavam, *à revelia*, quer do iniciador (Ernestino), quer do seu continuador (Zé Maia). Os trabalhos tiveram a orientação de um novato (Armando Solinho) neste tipo de espectáculo. O tempo de ensaios foi curto: quinze dias e havia ainda artistas em *première*. No entanto, e apesar de tudo, *Fão a Cantar* redundou num êxito. Foram 28 números divididos em duas partes de 14 cenas cada uma. Gostaríamos de fazer uma referência individualizada a todos os números, mas isso ocuparia muito espaço. Vamos, sim, procurar dizer algo de todos os intervenientes. *Meu querido Fão* tem música bonita, romântica ou talvez nostálgica. Os artistas passeavam-se aos pares com elegância e cortesia. A Laia, nos solos, é como o brandy Constantino. Revelou a voz de sempre ou melhor: vigorosa, adamada, com arroubos e cadência. Em complemento, o coro, misto, apresentou-se bem harmonizado, consonante, como se os intérpretes já cantassem em conjunto há vários anos.

LOVO DO MAR - Uma *charge* à personalidade do velho Arménio. O Armando Solinho, além de ensaiador, interveio várias vezes como actor. Esteve sempre muito à vontade. Todos se lembram que quando entrou em cena no primeiro espectáculo (dia 7) fez-se um intervalo entre os músicos devido à entrada do Mário Belo. Ele, Solinho não se impacientou nem se atrapalhou. "Bem", disse, "vou até à Barra e volto já". E retirou-se. É um actor consumado: boa voz, boa presença, identificação



Apoteose final

tirar o chapéu. Depois reveste a personagem que encarna de muita simpatia o que nele abunda. Gosta-se do seu desempenho em várias funções.

E, para aligeirar, uma alusão ao Manuel Carreira. É um cara bem disposto, um actor nato que não precisa de ensaios. Outro personagem natural que não precisa de estar em cena para representar é o Francisco Solinho. É sempre o Solinho da vida real que não faz qualquer esforço para representar. Não representa. É ele próprio. E temos finalmente o Lavandeiras. Traz a responsabilidade de representar em cima das

Vem agora o *Salva-Vidas* com as intérpretes vestidas à marinheiro. Um *decor* bonito a ajudar a Jacinta (uma veterana nestas andanças) a atingir um belo efeito com o tom agradável da sua voz.

Exibe-se em sequência a Fátima Solinho que estava acompanhada, na dança de duas filhas: Norma e Kátia. A esta, apesar de não cantar, damos-lhe o mesmo recado que demos à Vânia: numa representação de peixeiras ou de mulheres do campo, não há lugar para saias curtas. É um neologismo forçado. É verdade que se pode cair

nessa tentação mas aquilo não era propriamente um concurso de beleza. E mais: a Kátia estava constantemente a rir-se (cremos que para o namorado). O rir recomenda-se mas no seu contexto exibicional.

A Fátima (mãe) exibiu-se a contento. Cremos que forçou demasiado a voz nos ensaios, pelo que esta saiu-lhe por vezes um tanto rouca.

E finalmente a Linda Oliveira (Sargaceiras). Encostou-se, como veterana que é, ao tom tradicional da canção. Bom ritmo só conseguido por ouvidos experientes.

Percorridos todos os artistas, há que fazer referência ao espectáculo no seu conjunto. Palmas para o Armando Solinho que em 15 dias conseguiu pôr a "fábrica" a funcionar. É verdade que ele já tem o seu conjunto, mas algumas moças tiveram que começar desde o início. Nunca se tinham exibido em público. É verdade

que um fangeiro nasce com os genes adequados (Vide editorial), mas o entrosamento quer tempo e jeito.

Boa medida aquela dos diapositivos a acompanhar as várias cenas. A ideia de prestar homenagem ao Maia foi oportuna e feliz. Boas fotografias de Pedro Viana que é neto de avô (Viana).

Que dizer dos tocadores (músicos)? Um bem hajam. Uma especial saudação para Artur Costa que de Esposende trouxe consigo dois (copains). Claro que Esposende não lhe perdoa, mas ele tem 22 anos de residência profissional em Fão e o nascimento de vários filhos. O hábito é uma segunda natureza, como dizia o falecido Aristóteles. Aparece sempre, Artur. Estás na tua terra. E nesta saudação especial abrangemos o Alberto Cardoso, o António Torres, o sempre exigente Mário Belo, o Ianca que veio de França

fazer uma perninha, bem como o Carlos Magalhães arrancado à força do seio familiar.

A iluminação, som e montagem estiveram a cargo dos "profissionalizados" Miguel e Manuel Carlos Pereira. Acima deles, ninguém.

Houve também poesia a cargo de José Maria Machado do Vale. Pouco tempo que o espectáculo não era bem para isso. A representação saiu boa.

O cenário foi conseguido numa noite por Celestino Martins. Um artista. O guarda-roupa, com trajes vistosos e a condizer, esteve a cargo de D. Lina e filhas de Palmeira e de D. Helena Graça, de Fão.

Por último um aceno ao apresentador António Eduardo Viana. Um trabalho em grande. Sóbrio, boa dicção, sempre atempado, não deixou nunca morrer o espectáculo. Deu-lhe vida.

OS ANOS DE D. CECÍLIA

D. Cecília Amorim fez anos no dia 21 de agosto. Dizemos quantos? Vá lá é bom que se saiba: nada menos que oitenta. Mas move-se, trabalha, tem iniciativas como ninguém. Rodeou-se de familiares e amigos na sua casa de Fão. Foi uma linda festa num ambiente de muito carinho.

A esta fangeira que o é 140%, um abraço de muita amizade.

RECADO A UM RECADO

Se gostas que a Poesia
Tenha metáforas ricas
Mais o verso bem rimado,
Então a minha não vejas...
Porque a fazê-lo tu ficas
Deveras desapontado:
— Essa beleza não tem!...
A não ser que inda também
Leias, por ler, poesia
E assim tu nessa abulia
Exigente então não sejas.
Eu por mim deixo afirmado:
— Gosto dessa poesia
Musicada e bem rimada...
Mas se eu não a sei fazer?!...
Muito embora ouça dizer
Que a rima tem pouco uso
E o poema mais confuso
Mais valor ainda tem,
Eu não aceito recado,
Porém, ele ficou dado.
E assim, apesar de tudo,
Minha vontade não mudo.
— Não são versos ou meus versos,
Apenas são pensamentos;
E são desejos diversos
Que anseio comunicar,
Exprimindo sentimentos.
E faço-o por escrita,
Que embora rudimentar
No meu peito está inscrita.

FLORINDA DE ALMEIDA

JANTAR DE HOMENAGEM



Um aspecto do jantar

Em jeito de confraternização e homenagem, realizou-se ou foi promovido pela Cooperativa um jantar dedicado aos artistas da revista "Fão a Cantar". Foi no restaurante Lírios. Boa confecção, diga-se.

Houve discursos. O dr. Armando Saraiva, presidente da Assembleia Geral da Cooperativa, passou a bola ao Luís Viana que apelou para a unidade dos fangeiros. O dr. Óscar Viana dissertou sobre a Cooperativa. Ele é o Presidente.

Mas o discurso da noite esteve a cargo de D. Cecília. Depois de se insurgir contra várias coisas (mal) feitas em Fão, teve uma ideia para a crise do futebol em Fão: Porque não se arranja uma direcção só de mulheres? O desafio está feito.

PRECE

Senhor, à tua porta bato agora,
Qual peregrino pobre e deserdado;
Parti da minha casa numa aurora,
E chego quando o sol está deitado.

Perdoa o meu atraso. Neste mundo
Há mais encruzilhadas que caminhos,
Abundam pedras, lamaçais, espinhos,
E um homem, se querer, é vagabundo.

Não trago nada para Te ofertar,
A não ser o meu pobre coração;
Vem doente; e pior, vem a sangrar...
Precisa duma Tua operação.

Se não me atendes, para onde irei?
A que outra porta, hei-de recorrer?
A muitas já bati, mas encontrei
Gente mais infeliz, gente a sofrer...

Por isso agora, que cheguei aqui,
À Tua porta, de perdão, de Pai...
Acolhe-me bondoso, meu Rabi,
E diz-me: fica. Não me digas: vai.

DINIS DE VILARELHO



Cartas ao Director

Ex.mo Sr.

Director do jornal "O Novo Figueiro"

Comemorando-se no dia 19 de Agosto, o Dia do Município e o terceiro ano da elevação de Esposende à categoria de cidade, tudo estaria bem se não fossem os últimos acontecimentos que recentemente surpreenderam e abalaram os munícipes deste concelho.

Com uma linguagem menos correcta, o despique político envolveu dois Autarcas, no caso concreto o Presidente com um mandato suspenso e o Presidente da Câmara em exercício.

Sobre este assunto prometemos voltar mais tarde, pois pediu já o CDS-PP e o PS, juntamente com alguns membros da Assembleia Municipal, uma reunião extraordinária para averiguar e classificar a actual situação política que se vive na Câmara de Esposende. Esta reunião será realizada no dia 28 de Agosto de 1996.

Voltando ao assunto principal, foi proposto em reunião de Câmara pelo Presidente em exercício, Dr. Tito Evangelista atribuir no dia do Município algumas condecorações a Autarcas que tivessem servido os cidadãos e as suas freguesias em pelo menos três mandatos.

Nessa mesma reunião, foi apresentada uma proposta pelo vereador do CDS-PP para que a condecoração fosse alargada a todos aqueles que nas Juntas e Assembleias de Freguesias tivessem cumprido também três mandatos, pois não é legítimo nem democrático que se destaque individualmente o trabalho que efectivamente foi desenvolvido em equipa, e não de um só homem. Mais dizia a mesma proposta que fosse homenageado o Engenheiro Losa de Faria, pois para além de ter sido o primeiro Presidente eleito democraticamente após o 25 de Abril, foi reeleito sucessivamente em quatro mandatos pelo eleitorado do concelho de Esposende.

Foi então votada a proposta do CDS-PP que teve a seguinte votação: 4 votos a favor, 1 voto contra e 2 abstenções. No entanto e atendendo ao regulamento em vigor, não foi a mesma concedida.

Após isto apetece-nos dizer: grande é a ingratidão desta nova câmara que está à frente dos destinos do nosso concelho; esta é a ingratidão não do povo de Esposende ou do concelho, mas sim de meia dúzia de indivíduos que para eles exercer o poder é esquecer todo um passado de pessoas que deveriam merecer a nossa mais profunda gratidão.

Ma, a maior ingratidão para com a memória do Engenheiro Losa estaria para acontecer quando no dia 19 de Agosto, dia da Cidade, os ex-presidentes da Junta, agraciados, quase todos eles pertencentes ao antigo CDS e fiéis seguidores do então desaparecido Engenheiro Losa de Faria compareceram, pomposamente, para receber a medalha sem terem o mínimo de respeito por aquele a quem tanto ficaram a dever. Esta é a lei dos homens; esquecem-se os princípios e por vezés a própria identidade; o que importa é aparecer na fotografia dos jornais.

E, para terminar: *Perdoai-lhes Senhor, que eles não sabem o que fazem*".

ÓSCAR HERNÂNI GOMES VIANA

PS: Obrigado Sr. Director por meter dado um pouco de espaço no nosso jornal.

DOENTES

• Encontra-se internado no Hospital de Braga o nosso prezado assinante António Gomes do Vale, afectado por doença do foro cardiológico.

O seu estado inspira sérios cuidados.

• No mesmo hospital encontra-se igualmente internado o jovem Luís Morais do Vale, curiosamente sobrinho do António do Vale, que sofreu um acidente quando seguia de moto numa avenida de Esposende. Fez fractura do peróneo esquerdo.

• Também foi vítima de acidente quando ia montado na sua bicicleta, o nosso conterrâneo Adelino Miranda do Vale. Sofreu algumas escoriações. Recebeu tratamento no Hospital de Fão.

• Já se encontra em franca convalescença após intervenção cirúrgica do foro urológico, o nosso prezado colaborador José Ramos da Silva. Fazemos votos por um pronto restabelecimento e bem assim um retorno às lides jornalísticas.

• Vai sentindo-se melhor, ou antes, vai tendo uns dias melhores e outros dias piores, o nosso prezado assinante Amândio Cardoso da Silva que em tempos foi submetido a uma operação do foro cardiológico.

Desejamos que daqui por diante os dias melhores tenham prevalência sobre os dias piores.

Um dedicado bombeiro e resistente futebolista tem de possuir ânimo suficiente para enfrentar as agruras da vida.

• Ficou muito ferido no rosto, depois de ter accionado uma espingarda caçadeira, o nosso conterrâneo Carlos Ferreira da Silva que esteve emigrado em França cerca de 20 anos.

Esfacelou o maxilar superior. Foi atingido numa vista e vê muito pouco de outra. Está internado no Hospital de S. João onde tem sido e continuará a ser submetido a operações de recuperação plástica. Se dantes já levava uma vida atribulada, daqui por diante o seu sofrimento será pior: Malhas que a vida tece.

• O nosso prezado amigo dr. Zé Vinha Novais foi de novo operado a uma vista. Desta vez a uma deslocação da retina. Esperamos que recupere totalmente.

A todos desejamos rápidas melhoras.

PREDIFÃO

VENDO

APARTAMENTO T2 C/ GARAGEM
EM FÃO. TELEF. 053/982730

PREDIFÃO

Compra e Venda de Propriedades

Av. Dr. Manoel Paes, 2
Telef./Fax (053) 982730 • 4740 FÃO



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições

REIMELI

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 80 91 018 - 80 63 748 — FAX 86 73 86
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1893 — TEL. 759 72 04 — FAX 7597206

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



A CULTURA DO DIOSPIRO

(Continuado do número anterior)

A poda deve actuar limitando a carga de raminhos novos e os ramos de um ano bem como os "chupões". Quando se torne necessário despontar ramos demasiado longos, deve ter-se em conta normalmente da 5.^a à 9.^a posição sobre a vara, sendo aconselhável podar pelo menos acima do 14.^o gomo.

Várias são as razões que aconselham a conservar as varas exteriores e a eliminar os ramos e raminhos de dentro do vaso da árvore.

3.13 – A MATURAÇÃO

A maturação do diospiro é o assunto de maior importância para o produtor, dadas as possibilidades que estes frutos têm de ser

adstringentes, o que lhes fará perder todo o valor comercial.

Os frutos atingem a coloração ideal para a apresentação ao consumidor final cerca de 4 meses após a floração. Mas frutos deverão ser colhidos logo que a coloração da pele vire do verde ao amarelo ou amarelo-laranja. Neste momento o teor de açúcares redutores deverá situar-se entre 13 e 16% do extracto seco.

Os consumidores apreciam a coloração fortemente amarelo a amarelo-laranja, e evidentemente frutos não adstringentes. Da conjugação destes dois factores no momento em que os frutos chegam ao mercado, resulta o sucesso económico da exploração, e daí a importância do conhecimento da qual o momento ideal para fazer a colheita de acordo com o estado de maturação do fruto.

O complemento da maturação será feito em armazém ou quando exista, em câmara com clima fresco (em torno dos 20 graus) e seco, sem diferenças sensíveis de temperatura, na qual os frutos atingem a maturação ideal para o seu consumo ao fim de 20 a 30 dias.

A conservação de coloração amarelo-laranja (é sabido que os processos bioquímicos necessários à maturação comercial não se realizam a baixas temperaturas) é feita em câmara frigorífica com temperatura (0 a 1,5 graus), humidade (85 a 90%) e teor de oxigénio da atmosfera (+de 10%) controladas.

Assim, durante a conservação os frutos perdem a sua adstringência natural, podendo aqui ser mantidos por 3 meses sem perda das suas qualidades gustativas e comerciais.

Existem várias técnicas de amadurecimento dos frutos para fins comerciais num mais curto espaço de tempo, mas os requisitos fisiológicos de base devem ser respeitados sob pena de obter uma grande variabilidade de estados de maturação. Estes requisitos estão subjacentes ao estado suficiente de amadurecimento natural dos frutos (atingido no estado de coloração amarelo e amarelo-laranja) antes da entrada para o processo forçado.

Os processos de maturação acelerada em em câmara começaram por se basear no doseamento em quantidades regulares de vários elementos da atmosfera com produtos de síntese. O processo mais antigo baseia-se no uso de uma atmosfera composta de uma mistura adequada de etileno, oxigénio, dióxido de carbono, com o controlo rigoroso da humidade relativa e da temperatura.

A fonte de etileno e de compostos que favorecem o amadurecimento dos frutos pode ter origem noutros frutos, tais como a maçã que durante o seu amadurecimento produz gases entre os quais vários ésteres.

Outros tratamentos dos frutos à colheita para fazer reduzir a adstringência são conhecidos. A aplicação de soluções de ácido giberélico antes da colheita, ou por imersão numa solução de Etefão seguida de estágio à temperatura ambiente são exemplos já experimentados com bons resultados em vários países.

(Continua no próximo número)

DE APÚLIA

SARGACEIROS/SARGAÇO

O mês de Agosto, em Apúlia, que em termos de Verão até nem esteve nada bem, foi farto em festas, em movimento e côr, e também em sargaço.

Pode dizer-se que durante grande parte dos dias desse mês, as praias de Apúlia, principalmente a de "Couve", estiveram mais ocupadas com a abundância de sargaço do que com a abundância de banhistas.

Curioso (e significativo dos novos tempos), é que da maré alta desse fertilizante natural, outrora tão procurado, poucos apulienses aproveitaram.

Esse facto originou que ele se mantivesse por ali dias seguidos, viscoso, de mau aspecto, mas a proporcionar um ambiente saudável, com o cheiro a iodo a perfumar o ar.

Quem se aproveitou dessa fartura para a filmagem de um documentário sobre a faina (ao natural) da apanha do sargaço, foi a conhecidíssima (sobretudo pelas telenovelas) T.V. Globo do Rio de Janeiro, que acertou em cheio, no dia em que o sargaço enchia o mar e a praia.

Esse documentário irá certamente correr mundo, pelo menos o mundo brasileiro, e vai proporcionar a muitos apulienses radicados naquele País, o reencontro com a história, a vida e o folclore da sua terra.

Muitos deles ainda estarão lembrados do filme documentário do realizador da nossa T.V., Adriano Nazaret, de que foram artistas principais os nossos sargaceiros, e teve como pano de fundo o mar e o sargaço, e

como motivo principal a sua luta heróica, com o mar que já vem de há séculos.

Assistiram à filmagem daquele documentário, a que o Grupo Folclórico deu preciosa colaboração, muitas centenas de pessoas, apulienses e veraneantes, uns e outros presos ao colorido e à valentia daqueles homens e mulheres, numa bela faceta do seu quotidiano.

103 ANOS - QUE VIDA I...

Nasceu em Apúlia em 18 de Agosto de 1893. Nesse ano, a praia de Apúlia era frequentada por 3 ou 4 famílias, parentes entre si, que se deslocavam em "charrets" de 4 e 6 cavalos. O lugar da Areia não tinha estradas, e os caminhos eram de areia, delimitados por "valos" também de areia e chorões.

É, portanto, uma apulense, filha de apulienses, Joaquim Fernandes Fragoso e de Miquelina Dias da Silva. Esse facto, aliado à sua linda idade, 103 anos de vida, não podia deixar indiferente os seus familiares e os seus amigos. E fez-se festa, simples, organizada pelos familiares, mas que também contou com a presença de gente importante, seus conterrâneos.

A "Tia" Joaquina Pontes é a mais velha de 8 irmãos, e foi mãe de 4 filhos, 3 dos quais já morreram, e é viúva de Manuel Gonçalves Farinhas.

Se esta senhora apulense chegar a completar 108 anos de vida vai conseguir um caso inédito, que é viver em três séculos diferentes, 19, 20 e 21.

Não só pelo ineditismo, mas também por isso, muito gostaríamos, todos os apulienses, que isso se viesse a verificar.

FALECIMENTOS

Na sua casa do lugar de Paredes, e vítimas de doença que ainda não perdoa, faleceu no dia 4 do passado mês de Agosto, o senhor José Alvim Maia, nascido em 7 de Junho de 1936, filho de Boaventura Moreira Maia e de Beatriz Dias Alvim.

Deixa viúva a senhora Maria Dias Herdeiro.

- No dia 21, e no lugar da Areia, faleceu a senhora Alexandrina Silva Alves Alegre, casada com Carlos Correia Gomes Deveza.

A inditosa senhora que já estava acamada há meses, nasceu em 22 de Setembro de 1934, e era filha de Manuel Alves Alegre e de Alexandrina Ribeiro da Silva.

- No dia 27, também do mês de Agosto, faleceu em Angola, para onde partira há pouco mais de um ano, o nosso jovem conterrâneo Manuel Joaquim Duarte Barbosa, solteiro, nascido em 30 de Janeiro de 1962.

Era filho de João Ilídio Miranda Barbosa e de D. Maria Angelina Miranda Duarte.

Os funerais destes dois últimos apulienses, para o Cemitério de Apúlia, constituíram uma das maiores manifestações de pesar verificadas nesta terra.

A todos os familiares apresentamos sentidas condolências.

GRUPO DESPORTIVO DE APÚLIA

Praticamente em estado de coma há alguns meses, agora, a morte parece certa.

O nosso representante desportivo, já com cerca de trinta anos de vida, está a passar pela mais grave crise directiva da sua existência.

De nada terão valido os apelos e os esforços do seu Presidente da Mesa da Assembleia geral. As portas para uma eventual saída da crise se não se fecharam também se não se abriram. Com argumentos certamente respeitáveis, alguns, outros nem tanto assim...

Tirando alguns casos pontuais, não é difícil concluir que numa terra que tem mais de dois mil indivíduos do sexo masculino, terão de ser sempre os mesmos a dar o "corpo ao manifesto" pelo seu Grupo Desportivo. Ser dirigente desportivo dos regionais não dá protagonismo nem "penachos".

Não tardam aí as eleições autárquicas, e aí até se atropelam uns aos outros a ver quem chega primeiro.

O QUIM DA PADARIA

Tinha trinta e poucos anos e o espírito da aventura. O destino levou-o até Angola, onde se terá estabelecido no ramo da panificação, que ele conhecia bem.

O tempo da aventura foi curto. Uma doença, típica dos climas tropicais, vitimou-o em poucos dias, a muitos milhares de quilómetros do carinho da família.

O seu corpo, acompanhado do irmão Sérgio, chegou no dia 3 deste mês. E no mesmo dia foi sepultado. Foi acompanhado até à sua última morada por algumas centenas de pessoas. Como noutra local escrevemos, o seu funeral constituiu uma das maiores manifestações de pesar verificadas em Apúlia.

Agora que está em paz, que a terra lhe seja leve.

NOVO TALHO
JACINTO

Carnes de Qualidade
"APÚLIA"

Talho 1 - ☎ (053) 981920

Talho 2 - ☎ (053) 981946

FAX (053) 981920



Notícias

ÁGUIAS DE SERPA PINTO

É uma agremiação que existe nas Pedreiras. Tem 250 sócios. Sobrepõe-se por vezes a entidades oficiais na realização de certas iniciativas. Este Verão realizou uma festa a favor dos emigrantes. Houve jantar, noite fangueira e um desafio de futebol. Tudo correu pelo melhor e os nossos emigrantes viram que não são esquecidos.

Cederam jogadores ao C. F. de Fão e deram uma ajuda ao espectáculo da Cooperativa.

Estão ali para ajudar em tudo o que diga respeito a Fão.

ONDE PÁRA O CAPITAL?

A cantina escolar Joaquim Mariz foi feita com o capital arranjado por um punhado de fangueiros residentes no Brasil e em Fão. Era o rendimento desse capital que fazia a funcionar. Entretanto a cantina fechou devido a mudança das instalações escolares.

Onde pára o capital?

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS ANTIGAS

Durante o mês de Agosto esteve patente ao público na sede da Cooperativa Cultural uma exposição com 35 fotografias antigas da terra fangueira. Foi seu coordenador o José Maria Machado do Vale. Foi muito visitada por inúmeras pessoas que felicitavam o Zé Maria pela sua iniciativa.

UM JUIZ FANGUEIRO

Após um ano de formação no Centro

de Estudos Judiciários, em Lisboa, foi colocado por concurso no Tribunal Judicial de Barcelos, como Juiz Estagiário, o nosso conterrâneo Manuel José Cardoso Torres Ramos da Fonseca. Ao amigo Né as maiores felicidades.

ENTRE NÓS

Encontra-se definitivamente em Fão, após vários anos de trabalho em França, o nosso conterrâneo Carlos Artur Ferreira Graça. Que goze uma boa reforma, são os nossos votos.

FALECIMENTOS

• Morreu em Fão, no início deste mês, Cândido do Sacramento Gonçalves / Martinho), natural de Fonteboa.

O Martinho era uma pessoa prestável e essa prestabilidade foi posta à prova durante vários anos ao serviço do C. F. de Fão. O arranjo do campo onde fosse preciso fazer obras contou sempre com a sua ajuda desinteressada.

• Na Rua Serpa Pinto, onde residia, faleceu a nossa conterrânea Maria Magalhães do Vale (Maria Cantoneira).

• Na mesma rua e vítima de doença incurável, faleceu igualmente Emília Gonçalves Vasco.

• Ainda no mês de Agosto e também na Rua Serpa Pinto faleceu Ângela Ferreira Morgado.

• Com 72 anos faleceu na Póvoa de Varzim Joaquim Oliveira Lima Costa (Quim Grande), vítima de doença que não perdoa.

Era casado com a nossa conterrânea Lígia Reis.

Pode dizer-se que este mês (de Agosto) foi bastante trágico no que diz respeito a mortes.

A todas as famílias em luto "O Novo Fangueiro" apresenta sentidas condolências.

AGRADECIMENTO

A família de Ângela Ferreira Morgado vem por este meio agradecer a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar por ocasião da morte da querida extinta.

VENDE-SE

• APARTAMENTO, 2.º andar na Rua da Igreja (antigo banco) com 4 quartos mais um, 3 casas de banho, sala de jantar grande, cozinha e secção de lavandaria.

• TERRENO em Palmeira.

Telef. 624750 – Póvoa de Varzim

O NOVO FANGUEIRO

Mensário Regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Rosália Oliveira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
José Maria Machado do Vale
Florinda de Almeida

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Av. Dr. Henrique de Barros Lima, n.º 201 – 4740 FÃO
0931.235810

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII – Telef. 684318
PÓVOA DE VARZIM

Assinaturas de "O NOVO FANGUEIRO"
Anual..... 1000\$00

A cobrança de "O Novo Fangueiro" através dos Correios será por conta do assinante.



**GABINETE
DE OPTOMETRIA
E CONTACTOLOGIA**

Oliveira

ALEIXO FERREIRA, L.ª

**SOL/96
NOVIDADES
EXCLUSIVOS**

CONVERSANDO

Por CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

Vacilei um pouco, se devia ou não escrever esta crónica, mas sinto-me na obrigação de o fazer.

A 1.ª, pelo amor que tenho a Fão; a 2.ª pela minha descendência fangueira e a 3.ª pelo sentimento de me sentir filha desta terra por adopção.

Todos os benefícios e processos que se vão introduzindo nela, são para mim motivos de regozijo e também de vaidade.

Portanto, esta singela crónica, não tem o fim de menosprezar tudo o que até aqui, se tem feito, mas não posso ficar calada perante uma área tão importante e fundamental, como é o "trânsito" nos dias de hoje.

Fazer da rua principal uma via só com um sentido, acho muito bem, mas... (em tudo há sempre um "mas") já viram a confusão que isso acarreta?

Ainda se houvesse a alternativa duma outra paralela... era ouro sobre azul.

Mas não há, apenas existem ruelas aos zig-zag, que não entusiasma nenhum turista... Para quem conhece a terra não há problemas, mas quem nos visita?

Tenho presenciado da minha casa que os carros que entram, pela Rua dos

Bombeiros Voluntários, vindos da estrada, quando chegam ao Restaurante a "Lareira", ao verem o sinal de proibição, não seguem pelas ruas transversais.

Fazem marcha atrás, sobem a ladeira da rua dos B. V. e seguem para Esposende.

Não foi um carro, nem dois. Foram vários,

E o que é que isto representa?

Vão para outro lado, viram costas a Fão e vão ajudar outros comércios e não o nosso.

E Fão fica mais pobre e mais só.

Os sinais com a indicação do "Centro" não ajudam muito. A maioria dos carros, hesita e vai-se embora. A maioria das pessoas, não sobe as entradas que lhe dão acesso ao centro.

Se houvesse uma marginal, como tem Esposende, que fosse até às Pedreiras, passando pelo Cortinhal, era ouro sobre azul, com o respectivo passeio para os admiradores do rio. Assim Deus nos ajude a resolver este problema da melhor maneira.

Fão e o seu comércio caminham para um verdadeiro isolamento.

Uma machadada que quase foi mortal para o comércio, foi tirarem o mercado do sábado, da praça onde sempre foi.

Porquê?

Há cidades, no estrangeiro, que têm os seus mercados, nos sítios mais concorridos e centrais, não só por uma questão comercial, mas até turística.

Principalmente na época alta do Turismo. O comércio que as circunda, é beneficiado e a própria terra também se anima.

Os próprios vendedores, no fim do mercado, fazem as suas compras, no comércio que tem mais perto e assim todos são beneficiados.

O sítio, onde, actualmente se realiza a praça é sinceramente "mas". Acanhado, sem condições para quem vende e para quem compra.

No Inverno, então, nem se fala.

O mercado, regressando ao seu primitivo lugar, não prejudicava ninguém.

O Bar que lá existe não ficava prejudicado. Até fazia negócio, ao balcão, com quem vende e com quem compra.

Sobre a limpeza, mal acabe o mercado, é coisa fácil e rápida. Em Barcelos, a feira é muito maior e a sua viabilidade é rápida, sem prejuízo para ninguém.

Um pouco de compreensão e boa vontade, contentava todos, sem grandes prejuízos.

Outro assunto que se deparou aos meus olhos, foram as obras no largo do Cais.

Quem se lembrou de fazer um projecto que corta ao meio, um espaço maravilhoso

como é o cais? Com que fim? Fazer um pequeno parque de automóveis? Não acredito...

Um jardim, também não; seria ridículo pela sua pequenez. Então o que vão fazer?

Apenas um passeio... para transeuntes... acho largo de mais...

Só sei que vou ter saudades desta terra como era antigamente.

Tenho a certeza que a maioria dos fangueiros não concorda com este projecto... mas, manda quem pode e obedece quem deve...

Seria muito melhor ajudarem Fão a desenvolver-se culturalmente, a ter mais actividades pedagógicas, a incentivar a promoção técnica da juventude, enfim, a fazer desta terra um centro onde a droga e todas as suas consequências não fossem o pão nosso de cada dia.

Estragar o seu traçado, típico e centenário é de facto inaceitável. Constatou-se que até o marco, centenário também, que marca uma das maiores cheias aqui registada, vai igualmente mudar de lugar.

No estrangeiro, vimos grandes projectos modernos, ombro a ombro com as relíquias que as tornaram famosas.

Aqui, para fazerem coisas novas, destroiem-se as antigas...

Muito tinha para dizer, mas fico-me por aqui.

Só gostava que o povo desta terra lutasse mais por aquilo que tem e não ficasse de braços cruzados, indiferente, perante aquilo que acontece...

Até quando?

PELO FUTEBOL

Este ano a coisa esteve muito feia. Ninguém aparecia para formar direcção. Verificou-se assim uma consonância quase geral: extingue-se o futebol sénior. Mas há sempre alguém que resiste, alguém que diz não. E às tantas o Eusébio disse aos membros da Assembleia geral: se vocês arranjam 500 contos, eu arranjo direcção. E os membros da Assembleia Geral mais o Zé Luís Ribeiro lá foram bater a algumas portas. E foram bem recebidos. E então houve direcção arranjada pelo Eusébio. E os jogadores necessários foram conseguidos na condição de jogarem a feijões.

É verdade: o futebol de Fão voltou às raízes. Autêntico amadorismo. Só prémios (sempre iguais) para as presenças nos treinos.

O treinador, também nas mesmas condições, será o João Pedras, nosso prezado colaborador.

Agora, não esperem resultados por aí além. Uma vitória já foi conseguida: puro amadorismo. E depois teremos uma equipa 100% formada por fangueiros. Saibamos ser dignos desta abnegação.

JERUSALÉM Ano XXXIII

Como já anunciámos no número anterior, esteve patente ao público no Salão Paroquial a exposição Jerusalém - Ano XXXIII da autoria dos nossos conterrâneos Casimiro e José Matias.

Como nos demais sítios, a exposição foi visitada por milhares de pessoas que ficaram agradadas da meticulosidade e do perfeccionismo atingidos pelos manos Matias.

No fim da amostragem, era de louvar que a nossa autarquia tudo fizesse para que Jerusalém - Ano XXXIII ficasse definitivamente em Fão.

Há vontade para isso?